

## NOTA EDITORIAL – O Percevejo 6 nº 2

### **Formas em trânsito**

**André Gardel**

PPGAC/ UNIRIO

A ideia de formas em trânsito que se desvela aqui, não quer, de imediato, desdobrar-se como História da Estética ou da Arte, de modo linear ou evolutivo; embora possa esbarrar - se deixando contaminar e contaminando - em alguns desses centros cognitivos, pela dinâmica mesma de sua constituição movente, potencializada de imantações, suspensões, descartes. Um dos núcleos de princípios com o qual a noção pode roçar a pele e, mesmo assim, somente para deslizar por suas esquinas, é o método formal, que se estrutura, de modo maleável, por processos, estranhamentos, desvios, próprios poéticos. A transitoriedade das formas emerge, por sua vez, da escrita dos corpos acionados e em plena passagem transcodificante - em cena, na rua, nas letras, nas telas, virtualidades, imaginários, culturas, ciências -, impulsionada para a troca e para o contato pelas sensações e sentimentos, pelos poderes vitais. A ideia das formas em trânsito desvelada aqui, portanto, não é só ideia, é palpabilidade, é vida, é arte da encenação.

E é assim, como encenação simultânea, múltipla e interativa, que as seções e artigos deste número de O percevejo se organizam e dispõem. A maior parte dos textos são transposições de palestras apresentadas durante o *Colóquio Internacional Formas em trânsito: cena, drama e cultura nas escritas contemporâneas*, organizado por mim, Laura Erber e José Da Costa, em agosto de 2014, no Centro de Letras e Artes da UNIRIO. Na ocasião, professores pesquisadores e/ ou artistas, do Brasil e da França, em um *tour de force* interinstitucional e interartístico, se encontraram para a troca de experiências, impressões, saberes, entre si e com os alunos, a

partir de um curso concentrado oferecido pelo nosso Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, que gerou, ainda, um ateliê de dramaturgia focado na obra genial de Bernard- Marie Koltès.

A abertura dos ensaios, com isso, é um dossiê da obra de palavras-camuflagens, de palavras-tocaias do dramaturgo Bernard- Marie Koltès, que não separa escrita e cena, vivência e experimento formal, vertigem e lucidez, física e semiose teatral.

Três estudiosos franceses lançam luzes e chamam sobre a obra de Koltès, reconfigurando e revitalizando alguns centros transitórios de suas obsessões escriturais. Yannick Butel, em *Capitalismo e Dramaturgia* (3 + 1), desdobra, no trânsito das releituras palimpsésticas, novos aspectos do já clássico *Na solidão dos Campos de Algodão*, como a dramatização da linguagem que ressoa, em câmara de ecos rumorosos, o que está em jogo na fábula. Christophe Triau - num artigo que nos revela a paixão e encantamento de Koltès pela nossa capoeira - se aventura pelas movimentações espaço-temporais koltèsianas de implosão silenciosa da representação dramática, entre outras linhas de fuga, a partir da localização de uma construção dramática mais próxima das leis da física do que das motivações lógicas e psicológicas. Christophe Bident, finalmente, partindo de biografemas pontuais, repensa as construções das formas-sentidos da obra de Koltès, em diálogo em surdina com Jean-Luc Nancy, para apreender as significações plurais que o autor recolhe estando na mundialização do mundo, num corpo a corpo que prescinde de ideologias e sistemas.

A seguir, na seção *Escritas Contemporâneas*, a noção de escrita cênica deixa-se atravessar, em livre trânsito, vertiginosamente, por formas escriturais oriundas de mananciais-mundos de figurações e potências diversas. Ana Bulhões destaca as explosões do real na dramaturgia do franco-canadense-libanês Wadji Mouawad, na segunda peça, *Incêndios*, da tetralogia *Le sang des promesses*, cujas histórias, ditadas pelas vivências dos atores e do próprio autor, são sempre buscas para encontrar “uma vida ao mesmo tempo sábia e selvagem”. Chloé Lamert, da Université de Picardie Jules Verne, nos propõe uma leitura lacaniana de *The tragedy of a friendship* – espetáculo criado por ocasião do bicentenário de Richard Wagner e que revisita 13 óperas do compositor -, do coreógrafo e artista plástico Jan Fabre, que revela uma dramaturgia do grito, ao localizar a

violência abordada na peça na trajetória das cenas para a platéia, explícita no trânsito das formas dos sons extremos dos gritos de prazer, de dor, cantados ou silenciosos. Carina Maria Guimarães Moreira estuda no espetáculo itinerante *Barafonda*, do grupo teatral paulista *Cia São Jorge de Variedades*, as relações entre política e estética, a partir da rua como “ambiente real”, pois o espetáculo percorre cerca de dois quilômetros das ruas do Bairro Barra Funda da cidade de São Paulo, na hora do rush, deslindando as possibilidades semânticas da encenação, sob a perspectiva da contaminação espaço do bairro/ pessoas/ espetáculo.

Outras formas em trânsito se entremostam na porosidade discursiva que toma como eixos rotativos as artes plásticas, a poesia, a fotografia. Neste último caso, Cezar Bartolomeu se propõe a pensar o problema da fotografia como arte a partir de Barthes e Derrida; Zalinda Cartaxo, por outro lado, parte da obra fotográfica *Como um grão de areia*, da artista visual Regina de Paula, para uma reflexão sobre Deus, história e origem, instrumentalizando-se de conceitos como História como configuração e estética do devir, de Walter Benjamin. Fred Coelho aborda a relação produtiva entre artes plásticas, performance e literatura na obra de Hélio Oiticica, por meio do “desejo de livro” - seus *Newyorkaises* e *Conglomerado*, em permanente transformação -, que visitou o artista carioca durante a sua estada em Manhattan, Nova York, entre 1971 e 1978, e que acabou por não atingir um resultado final. Masé Lemos nos apresenta as formas em trânsito da pós-poesia e dos OVNIIs (Objetos verbais não identificáveis) para dispor um leque de teorias que podem, hoje em dia, reciclar, reconceber, ou extinguir, velhas noções como, por exemplo, gênero literário e literalidade.

E, por fim, na seção *Intervenções*, Maria Lúcia de Souza Barros Pupo, em *Corpos presentes, da cena ao texto*, numa escrita mais livre, que incorpora textos produzidos em oficinas de formação continuada de coordenadores, nos conduz por caminhos pedagógicos experimentais, nos quais o ato da escrita emerge da experiência sensível do corpo.